ANNO 5.º — Sexta-feira, 4 de Outubro de 1912 — NUMERO 241

# O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

| | |
|---|---|
| Ano (Portugal e colónias) | 1$200 réis |
| Semestre | 600 réis |
| Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte | 2$500 réis |
| Avulso | 20 réis |

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões



# VIVA A REPUBLICA!

**Ha dois anos que um punhado de bravos patriotas auxiliados por uma grande parte das forças militares de terra e mar, se lançou em luta sanguinolenta contra a morarquia e déla saiu triunfante o regimen do povo pelo povo.**

**Ha dois anos que dum extremo ao outro do país e depois do barbaro assassinato de Miguel Bombarda, a nação viu, finalmente, realisadas as suas aspirações e transformado o velho Portugal numa democracia para a qual todos os espiritos modernos concorreram, animados por um grande sentimento de verdade e de justiça que tinha por base a moralidade e por unico objectivo a bôa administração, que a monarquia havia despresádo cavando a ruina da Patria, extinguindo no nosso seio a confiança a que não tinha direito quem da corrução vivia e para o crime manifestáva a maior tendencia.**

**Com o baque da dinastia de Bragança, inauguraram os portuguêses, a cuja raça nos orgulhâmos de pertencer, uma éra nova. Que éla seja para todo o sempre alguma coisa mais do que uma esperança, para honra e gloria dos que á ideia sacrificáram a propria vida.**

**Viva a Republica!**

## Recordando...

Foi ha dois anos. O heroico 16 de infanteria, minádo ha muito pelas organisações carbonarias de St.ª Isabel, Estrela e Lapa, num trabalho persistente e metódico, iniciou a Revolução, sublevando-se na madrugada de 4 de Outubro de 1910 com o auxilio dos revolucionarios civis e marchando com estes sobre artilharia 1.

Dizer o que foi a catechisação revolucionaria pelos quarteis sería recordar um dos trabalhos mais grandiosos e de maior benemerencia da *carbonária historica*, ainda hoje infelizmente mal compreendida por aqueles a quem aquéla organisação secreta parece incomodar, não obstante disfrutarem nêste momento as vantagens da sua obra imorredoira. Dois anos são já passados que a *Rotunda* intimou ordem de despejo á monarquia pela voz potente dos canhões e comtudo pouco, muito pouco mesmo, tem a Republica feito no sentido de resgatar esta boa terra portuguêsa da decadencia e obscurantismo em que de seculos jáz imersa.

E' que a vaidade, as invejas mesquinhas, o faciosismo, os despeitos mal contidos, os odios pessoaes, e o espirito de *coterie* persistem deploravelmente nos costumes politicos dos *meneurs* do republicanismo português, sobrepondo-se criminosamente aos altos interesses da comunidade nacional. Tão deploravel orientação só contribue, a subsistir, para avolumar o numero já avantajado dos descrentes e indiferentes e atrazar, senão dificultar, a obra do resurgimento nacional que não póde ser levada a cabo por tentativas isoladas e desconexas, antes tem de ser a resultante dos esforços conjugados de todos os portuguêses sem distinção de credos ou confissões politicas.

Essa obra de resurgimento é a que em porfiáda e criteriosa orientação nós desejariamos vêr iniciada por todos os partidos nas suas variadissimas modalidades, é a unica politica dignificante que todo o português e patriota deve apregoar e preconisar. A patria portuguêsa tem posta em equação os mais complicados e variados problemas de cuja solução depende o seu futuro. De entre êles destaca-se o *financeiro*, ó *colonial*, o *fomentario*, o da *defêsa nacional* e o da *extinção do analfabetismo*. Não atacal-os de frente, sería não só iludir a espectativa dum povo, falseando as razões historicas do *5 de Outubro*, mas sobretudo demonstrar a outros povos, que nos olham com interesse espectante, a nossa falencia historica, a nossa incapacidade de subsistirmos independentes no concerto mundial das nações.

Cêdo, muito cêdo mesmo, se fez a diferenciação partidaria. Foi um erro, foi talvez um crime. Tal não devia dar-se emquanto a Republica não estivesse definitivamente consolidada. Mas, já qne estâmos diante de factos consumados, não agravemos mais a situação com uma politica de retaliações e suspeições. Que os politicos não venham destruir o que os humildes—a materia prima por excelencia das revoluções—com tanto custo e abnegação poude realisar no 5 de Outubro.

Que o parlamento não cave mais o seu desprestigio com o triste espectaculo de discussões estereis e verrinosas, enveredando por um caminho mais proficuo para os interesses nacionaes e mais decoroso para os membros que o constituem. O espectaculo que tem dado ao país, desde as Constituintes, mais parece ser o de uma magna assembleia de colegiaes em bulha permanente, não faltando para completar o quadro a inexperiencia da verdura dos anos, do que o duma assembleia de representantes da Nação, honrados com o seu mandato.

Tem fóros de axioma o dizer-se que os homens não fazem falta ao triumfo integral das Ideias. Nós permitimo-nos discordar dêste asserto. Ninguem será capaz de contestar, de bôa fé, que a morte de Bombarda e Candido dos Reis foi uma perda irreparavel para a Republica, pois que êles com o prestigio que lhes advinha do facto de serem os chefes incontestaveis do movimento revolucionario, e com o temperamento e o civismo que os caraterisava não permitiriam que ambições megalomaniacas defendidas por quem tinha o dever de harmonisar as palavras com os actos fizéssem do regimen nascente uma obra que não era precisamente a que para conquistar adéptos e ovações apregoavam pelos tablados dos comicios.

Êles—um o chefe civil, outro o chefe militar da Revolução—teriam a força suficiente, e a energia necessaria para conter os politicos na ordem e óbrigal-os a colaborar numa obra genuinamente democratica, respeitando o programa do velho partido historico, a cada passo esfrangalhado pelas conveniencias egoisticas dum partidarismo estreito. Mas quiz a fatalidade que estes dois vultos desaparecessem tragicamente da scena do mundo, privando a Republica do concurso do seu esforço abnegado, e acrisolado patriotismo e ninguem mais do que os revolucionarios, do que aquêles que tudo arriscaram pelo triumfo das côres da actual bandeira o deplora com sincéra magua.

Para os politicos o sacrificio da morte dêstes dois caudilhos tem apenas o valor duma recordação episodica; para os seus companheiros de lucta, éla é ainda hoje tragica realidade evocadora de amargas saudades. Por isso, ao comemorar-se hoje o *cinco de outubro*, nenhum português que que se prese, nenhum patriota intemerato, deixará de prestar culto á memoria explendida dêstes dois homens a quem a Patria Portuguêsa tudo deve visto que lhes deve a Revolução, ou seja a possibilidade de se resgatar do marasmo e oprobrio a que, desde seculos, uma monarquia crapulosa a condenou. E ai de nós se assim não fôr!...

**Aido.**

## Cinco de outubro

Festejar o aniversario dum acontecimento nacional, é transportar-nos ao passado, é ir levantar do tumulo da Historia factos e personagens que muitas vezes melhor sería deixal-os gosar a tranquilidade do esquecimento, tal é a revolta que vem despertar em nossa alma. E a revolução de cinco de outubro, que com tantas esperanças nos suavisou os sofrimentos duma lucta tenaz e duradoura não devia ser perturbada néssa dôce tranquilidade. Só vantagens daí advinham—não com o rei—para as personalidades gananciosas de louros de vitória e de comodidades individuaes, mas para uma nação ávida de bem-estare a que injustamente foi sequestrada por uma quadrilha de salteadores que, protegida pelo direito da força, se preparava, depois de lhe ter roubado o ultimo seitil, para a entregar ao estrangeiro mercenário a troco de alguns cobres com que podesse alimentar por mais algum tempo as suas bacanaes.

Mas recordar a revolução de cinco de outubro é ir um pouco mais longe—é ir avivar o passado do partido republicano português. E esse, que tantas vidas sacrificou, que tantas energias gastou, faz-me chorar sentidas lagrimas de saudade pelas suas promessas, tão cêdo esquecidas, pelos seus lutadores, alguns tão depressa vencidos pela vaidade do mando, pelo egoismo da grandêsa.

Quando a nossa Patria gemia sob o pêso déssa monarquia crapulosa e reaccionária, o partido republicano trabalhava sempre firme e unido, esforçando-se cada republicano em armar um braço para um dia escorraçar essa quadrilha que tinha por chefe a vergontea degenerada dos Braganças. Então o partido republicano português olhava para o oprimido, para o desprotegido da sorte, aconchegando-o ao seio com carinho paternal, despertava-o para a vida prégando-lhe os vivificantes principios da Democracia, incendiava-lhe o espirito de revolta mostrando-lhe as imoralidades, as injustiças, os roubos, de que vinha sendo vitima.

Foi assim que dia a dia foram engrossando os suas fileiras, que em avalanche de patriotismo soltaram o grito da revolução, que fez baquear no alto da Rotunda, na madrugada de cinco de Outubro, o trono carcomido dos Braganças. Não houve então peito português que não respirasse livremente, nem alma patriota que não se sentisse vibrada pela mais louca alegria.

Mas esse contentamento foi passageiro.

O manto da hipocrisia rasgou-se e o que até então era fraternidade converteu-se no mais puro egoismo. A sinceridade de convicções ficou apenas albergada em alguns peitos, e por toda a parte principiou a brotar a ganancia e o interesse. E o partido republicano viu-se assaltado pela intriga e pelo odio, que despedaçaram em curto praso a sua admiravel coesão. Hoje—e é com magua que o digo—não é um partido de principios, mas sim um partido de homens. Não se vê a lucta de ideias, vê-se, infelizmente, o agatanhar de individualidades, que não tem escrupulos nem repugnancia de apertar contra o seu peito individuos que trabalharam sempre pela ruina do nosso país, prostituindo os sentimentos do povo português, roubando os cofres do estado, e que ainda aguardam com esperanças a oportunidade de novamente voltarem a essas epocas de devassidão.

A causa de todo este triste desenrolar foi os dirigentes do partido republicano calcarem, para vêr qual era o primeiro que empunhava o bastão do mando, o programa do velho partido. Se êle tivésse sido sempre respeitado, nunca os monarquicos teriam a ousadía de erguer os seus olhos profanos para a Republica com intenções malevolas, com esperanças na prostituição.

E é pensando assim que eu desejava que o dia de hoje fôsse, não um estralejar de foguetes, um engrinaldar de ruas, mas sim a união sincéra e desinteressada de todos os republicanos e de todos os portuguêses que dispostos estão a sacrificar-se para erguer bem alto o nome do velho Portugal. Era a melhor festa que o partido republicano podia fazer para comemorar a revolução de cinco de Outubro.

E porque não?

A obra é simples. Basta terminar duma vez para sempre com essas rivalidades mesquinhas, que só prejuizos causam á Nação, e num grande amplexo fraternal unir as inergias que mostrassem á evidencia dos factos que a honestidade, a moralidade e a justiça não eram uma utopia, e que só dos principios republicanos e dos ideaes democraticos tecessem as suas bandeiras partidarias, erguendo-as cada vez mais no resurgimento da Patria.

Só então será feita a verdadeira apoteose á revolução de cinco de Outubro.

O medico, **Lopes de Oliveira**

## Uma data

Decorridos vão já dois anos e parece ter sido ontem que, após ligeiros combates nas ruas da capital, Povo, Exercito e Armada impelidos por um dos mais santos amôres que se albergam no coração do homem, fizeram baquear um trôno oito vêses secular, proclamando o regimen republicano.

Em 5 de Outubro de 1910, a Democracia, esmagando uma monarquia corruta, gatuna, e que jámais soubera dignificar Portugal, triunfava

de norte a sul, e, desde então, começou a tremular vitoriosamente no tope dos mastros de nossas naus, em nossas fortalêsas, em nossos estabelecimentos públicos, o Pavilhão esmeraldino-rubro, simbolo duma nacionalidade que quer viver, progredir e elevar-se!

E, como eu te admiro e saúdo, ó Estandarte augusto, que, encerrando em ti tanta historia feita de epopeias e de assombrosas acções, representas simultaneamente um ideal de Justiça e de Verdade!...

Sê sempre bendita, gloriosa Bandeira!...

O 5 de outubro é para todos nós, revolucionários, que trabalhámos pela implantação da Republica Portuguêsa, uma data extremamente querida.

Mas, diga-se de passagem, não o deve ser *apenas* para nós, porque o sistêma de govêrno, que vingou naquéla manhã—alvorada da emancipação nacional!—não se proclamou sómente para os republicanos históricos, seja qual fôr o campo politico onde êles actualmente se encontrem, mas sim para *todos* os portuguêses.

Com dois anos de existência, ás vêses atribulada, mas existência honesta, duma administração que póde não ser falha de erros, mas que não tem crimes, a Republica está, emfim, consolidada, e a monarquia que tombou vergonhosamente perante as granadas da Rotunda e os tiros certeiros da nossa destemida marinhagem, jámais voltará á terras desta Patria.

Só loucos acreditáram, ou acreditarão, o contrário; só perversos bandidos, desonrados portuguêses que não por pátrio amor, mas tam sómente movidos por vis interesses ou paixões, que rebaixam, tentaram levar-nos para lutas sangrentas, nas quais seriam indubitavelmente vencidos, geradoras de mil sofrimentos e miserias!

E para que tanto ousáram?

Para restabelecer entre nós uma forma de govêrno que foi para a familia portuguêsa origem de tantas desgraças, infortunios e desastres! Loucos!

*Se quizesse mencionar os males de que têm sido causa as monarquias, teria para dizer cousas medonhas*, assim se exprime Montesquieu no seu *De l'Esprit des Lois.*

Que diría o notavel publicista francês da monarquia deposta em Portugal pela Revolução de 5 de Outubro se tivésse nascido em nosso país e fôsse contemporaneo do regimen dos adeantamentos?!

Decerto não enfileiraria ao lado dos *paivantes*, nem moralmente lhes prestaría auxilio como o fizeram, e têm feito, cértos despeitados a quem a Revolução arrebatou violentamente o mando, e só por isso, questão de penacho, intentaram fazer nos voltar ao passado para continuarmos, com justiça, a dizer **coisas medonhas,** a denunciar arranjos, latrocinios, infamias, indignidades, injustiças, perseguições e toda a casta de imoralidades, do que de tudo foi tão pródiga a dinastia de Bragança.

D. José de Lacerda, na sua obra intitulada—*Da fórma dos govêrnos com respeito á prosperidade dos povos e das coisas politicas em Portugal*, impressa em 1854, depois de apresentar e demonstrar as desvantagens do regimen monarquico e os vicios radicais das monarquias, acresenta:

*As facções aulicas a que chamam camarilhas; as tendências ambiciosas, e nunca inocentes, dos privados, a que vingou o costume denominar* favorítos, *são, ainda mesmo quando não depravada a indole do soberano, essas causas temerosas, contra cuja acção maléfica não ha constituição monarquica, por mais bem calculado que queiramos supôr o jogo do seu maquinismo especial, que possa ter-se, resistir e contar-se com a vitória.*

Escrevia-se isto em 1854, em Portugal, quando o sistêma monarquico constitucional representativo e hereditario tinha ainda poucos anos de existência e quando ia sentar-se no trono um principe que veio a dizer mais tarde:

*O meu logar não póde ser senão ao pé dos que choram e padecem. Para isso sou rei.*

Tambem foi êle, dentre os Braganças, o unico que enobreceu a purpura real e legou á Historia um nome limpo de mácula, fazendo com que as armas dos adversários da dinastia se inclinassem nobremente, como diz Rebêlo da Silva, diante do feretro que conduzia as suas cinzas.

O mesmo não aconteceu perante o ataude que levou a S. Vicente os restos mortais dêsse rei que tombou, em 1 de fevereiro de 1908, varado pelas balas de Buiça.

Nem, até, muitos dos que lhe beijaram hipocritamente a régia mão sentiram na alma a menor parcela de compaixão ou de dôr pela sua morte. E' que Carlos I, tendo-se divorciado de todos, creara contra si, pelo seu caráter despotico, geral animadversão que nem a propria morte faz desaparecer.

Eu não aplaudo o acto de Buiça, mas sou forçado a reconhecer que êle, libertando-nos dum tirano, facilitou o advento das novas Instituições que, tenho fé, hão-de trazer a Portugal dias de prosperidades e venturas.

Agora: ávante e sempre ávante!...

Asseguremos a ordem, a tranquilidade de que tanto carecemos, arredemos para longe todas as lutas de caracter pessoal, batalhando sómente no campo dos principios, e busquemos pelo trabalho tornarnos um povo respeitado e digno.

Olhemos o passado, reflitamos sobre os ensinamentos da Historia e encaremos confiadamente o futuro, gritando sempre: Viva a Republica Portuguêsa!

*André dos Reis*

## O aniversário da Republica

Por causa do mau tempo que tem feito, o *Grupo de Defêsa da Republica* resolveu adiar a entrega da bandeira ao regimento de infantaria 24 para ocasião que oportunamente se anunciará, limitando-se por isso os festejos em Aveiro a iluminações, musica e fogo durante os dias comemorativos da gloriosa revolução de Outubro.

Para Lisboa partiu hoje uma companhia do Batalhão de Voluntarios que ali vai a convite do grupo *Pró Patria* tomar parte nos festejos com que a capital celebra o 2.º aniversario da Republica.

**Estampilhas "Assistencia,,**

Hoje e ámanhã é obrigatoria a colocação em toda a correspondencia, excéto nas publicações periodicas, do sêlo especial de 10 reis com a denominação acima, creado pela lei de 25 de maio de 1911, o que tornâmos público para evitar o atrazo a que a falta déssa sobretaxa dá logar.



# DOIS ANOS

Ao cabo de dois anos de regimen republicano, eu pergunto desassombradamente aos paladinos sebastianistas, se têm em que assentar bases seguras, racionais, de real valor, para preferir ao atual o regimen dos adeantamentos.

E se os têm que os apresentem leal e concrétamente.

Ora, os argumentos de facto para a defêsa do extinto regimen, não existem, porque a propria monarquia se incumbiu de destruir os que lhe podiam restar, posta de parte, por insubsistivel no seculo XX, a *chantage* do direito divino.

Se argumentos irredutiveis não têm, como manter-se ao lado de uma causa indefensavel e que, ninguem o ignora, caiu de pôdre na lama pestilenta em que ha muito chafurdava?

Da seguinte fórma:

Ha cêrca de um mez encontrei-me numas termas do norte com um antigo monarquista, que eu não conhecia, mas homem de bem como tive ocasião de vêr momentos depois de me ser apresentado.

A bréve trecho a conversa caía no campo politico e encontrámonos logo adversarios, frente a frente.

O meu interlocutor declara-se monarquico e mais: *que nunca será republicano!*

Observei-lhe que a um espirito culto não era licito garantir que o que hoje sopunha um impossivel, não pudesse ser ámanhã uma realidade. A marcha da evolução, em todos os campos, era hoje mais rapida do que nunca, e a evolução das ideias não podia eximir-se a esta regra geral.

O meu antagonista, possuidor de uma enorme fortuna e titular, deixára, ao implantar-se a Republica, a presidencia de uma câmara de um concelho limitrofe do Porto, onde parece que prestou serviços, e á disposição da qual, mesmo já depois do 5 de outubro, pôz generosamente a sua bolsa.

Respondeu-me que era amigo pessoal de D. Manuel; que o destronado monarca entrava em sua casa com a mesma fran quêsa com que entrava no Paço das Necessidades e que, sendo-lhe devedor de taes honras, *não devia pagar-lhe com a ingratidão declarando-se republicano.*

— Isso não quer dizer que v. ex.ª não seja um democrata.

Entre o principio sobre que assenta o regimen republicano, que permite ao povo escolher o seu chefe de estado, ou o principio hereditário que a esse mesmo povo impõe como chefe— que póde sel-o durante trinta, quarenta ou cincoenta anos!—a primeira creatura que o ventre de uma mulher, a que chamam rainha, dá á luz, e que tanto póde ser um doido como um larvado, como um imbecil, entre taes principios, qual acha v. ex.ª mais racional, mais justo, mais egual, mais equitativo, mais logico?

A resposta era ociosa, por unica. O familiar do rei respondeu-me que não podia efectivamente deixar de concordar com o primeiro...

— Não é então v. ex.ª um republicano, mas é um democrata, porque a razão e a logica o estão chamando, contra vontade do seu sentimento de gratidão...

Ha dois sentimentos em lucta: um tem, mais tarde ou mais cedo, de vencer o outro, e o sentimento austero da razão ha-de vencer o sentimento piegas da simpatia pessoal, quando o tempo lhe mostrar que o espirito imbecil de D. Manuel, não é por motivo algum digno do respeito e da consideração de portuguêses: 1.º—Porque é um charro; — vidé a entrevista entre o destronado monarca e dr. Sousa Junior, publicado na *Montanha.*

2.º—Porque é um covarde;— vidé a fuga vergonhosa para a Ericeira, sem que ao menos num momento lhe acudisse ao pensamento um plano de resistencia, se lembrasse de aparecer á frente das suas tropas para as animar á lucta, mas saltando muros e quintaes, agarrado aos oficiaes, a quem só perguntava se respondiam pela sua vida.

3.º—Porque é um infame;— vidé a ordem de pedido a algum *destroyer* inglês que estivesse no Tejo, que teve a vilissima audacia de transmitir, para meter no fundo os navios portuguêses revoltados.

4.º—Porque é um ignorante, etc., etc., etc.

Ora, são geralmente daquela força os argumentos com que se defende a monarquia.

Monarquia? Por que ha-de voltar?

Que lhe déve o país?

Vejâmos.

Divida consolidada: cêrca de 700:000 contos. São numeros conhecidos que ninguem ousa negar.

Divida flutuante: cêrca de 900:000 contos.

Encargos destas dividas: cêrca de 30:000 cantos anuais.

Parece, porém, que um país que, a bem das suas receitas gasta cêrca de 800:000 contos num periodo de oitenta anos, deve estar florescente, cruzado de estradas e caminhos de ferro, possuir os mais belos edificios publicos, bons portos de mar, cheios de cais e armazens, grande marinha comercial, possuir uma boa esquadra militar, exercito bem armado e municiado, etc.

Sim! porque tal dinheiro só deve ter sido para o fomento do comercio, da industria, da agricultura, para a construção de portos comerciais e vias aceleradas, para a abertura de estradas, embelezamento das suas cidades, para a defêsa maritima e terrestre.

E é isto, realmente, o que encontrâmos por esse país fóra?

Escusado é repetir que nem têmos estradas nem caminhos de ferro que cheguem, nem edificios públicos que se recomendem, nem marinha mercante e de guerra, nem armamento suficiente, nem nada; a mais profunda das miserias, a mais franciscana das pelintrices, foi o estado em que nos deixou a monarquia ao fugir, ha dois anos, vergonhosamente, na pessoa dos seus reais representantes.

Para onde fôram então os 800:000 contos da divida publica?

Que respondam todos os que Emidio Navarro englobou na *quadrilha de ladrões que assaltou as cadeiras do poder.*

Para se fazerem roubos ao Estado nos tempos da monarquia, recorria-se aos mais descarados processos.

José Luciano, por exemplo, o galopim mais desonesto desse tempo, enxurdava-se mais uma vez na questão dos tabacos, preparando a *escroquerie* dos subscritos, que ficou vergonhosamente célebre.

José Luciano até foi contrabandista! A cêna das perdizes que êle quiz subtrair aos direitos da alfandega, não esqueceu ainda...

Mariano de Carvalho. roubando desfarçadamente *a outra metade*, bem ficou conhecido para que duvidas houvesse da sua honestidade...

E o famoso *chatel ilectrico,* no Estoril?

Que lindo capitulo da historia da monarquia!...

E a questão Hinton, cujas honras cabem a Hintze Ribeiro?

E os *adeantamentos* á casa real?

E a venda ao *hiate Amelia?*

Quem não se recorda dessa indecentissima *chantage*, a que o heroe da *sargeta*, o repugnante João Franco, adicionou ainda a dos alugueis das dependencias dos paços riaes?

A existencia da monarquia em Portugal foi desde 1830 para cá uma constante burla, em que, salvas algumas, raras, excéções, todos os estadistas chafurdaram as mãos, atraz das mãos os braços, depois dos braços o corpo, até se atolarem inteiramente na desvergonha e na desfaçatez.

Não havia doblês, não havia concussão, suborno, torpêsa, por maior que fosse, que se não casasse bem o caracter desses estadistas que numa bandalheira de imoralidades arrastaram a sua Patria ao estado de descredito em que se encontra e de que a Republica vem procurando levantal-a.

Dois anos decorridos, perguntam os luminares da ominosa o que tem feito a Republica, exigindo que esta endireitasse em dois anos o que a êles levou 80 para destruir.

Não me permite o espaço que exponha já o que a Republica tem feito; mas para ela se tornar credora da confiança e da dedicação do povo, basta ter promulgado a lei da Separação das igrejas, do estado e a da expulsão das ordens religiosas, o cancro que nos havia de gangrenar a existencia, para nos amarrar os pulsos ou esmagar o pensamento.

Se éla mais não tivesse feito— e muito mais tem produzido—isso sería o bastante para que, a plenos pulmões, devâmos gritar:

Viva a Republica!

**Humberto Beça**

PARA A HISTORIA

# Como se responde aos jornalistas que traem a sua missão, mentindo

**Mendonça Barreto nunca foi um bom republicano, nunca mereceu a confiança dos republicanos de Aveiro, jámais têve a consideração que depois de morto lhe querem dar os hipocritas que exploram o sentimentalismo, com varios fins, mentindo á propria consciencia**

**A politica de Cabeceiras de Basto não foi mais do que a continuação da desastrada conduta de Mendonça Barreto**

## Resposta sem comentários

«Publicâmos hoje, na 2.ª pagina, algumas das mais importantes passagens dos artigos publicados pelo *Mundo* sobre a politica de Cabeceiras de Basto, depois da Republica. Aí se faz *completa e inteira justiça* a Mendonça Barreto, *que dois ou tres inimigos pessoais acusaram de* **mau republicano e traidor á Republica,** a êle, que **era republicano e livre pensador** muito antes dos seus detractores se declararem republicanos.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

(Da *Liberdade*, jornal republicano-democratico de Aveiro, n.º 85, de 26 de Setembro de 1912.)

Alvará nomeando **administrador interino** de Olivéira de Azemeis João Augusto de Mendonça Barreto.

**Leopoldo de Souza Machado,** governador civil de Aveiro, etc.

Achando-se licenciado por motivo de doença o administrador efectivo do concelho de Oliveira de Azemeis, Bacharel Antonio Maria Alves de Mélo, no uso da atribuição que me confére o § 1.º do art.º 273 do codigo administrativo, nomeio administrador interino do mesmo concelho o cidadão **João Augusto de Mendonça Barreto,** que depois de devidamente ajuramentado se apresentará imediatamente a tomar posse.

Dado e passado no Govêrno Civil do distrito de Aveiro em **16 de agosto de 1907.**

(a) *Leopoldo de Souza Machado* (1)

Em abril de 1910, isto é, quando o *Pulha de Aveiro*, pasquim em que o degenerado Homem Cristo publicáva toda a casta de infamias contra os vultos mais respeitados e queridos da democracia portuguêsa, redobrava nos seus ataques, Mendonça Barreto **dava entrada no antro de Arnélas habitado pelo bandido, como empregádo da casa,** revelando-se desde logo, apesar de *republicano e livre pensador*, um dos seus melhores amigos e dedicádos auxiliares!

Alvará nomeando **administrador interino** do concelho de Ilhavo João Augusto de Mendonça Barreto.

**Henrique Vaz de Andrade Basto Ferreira,** governador civil de Aveiro, etc.

Nos termos do § 1.º da art.º 273 do codigo administrativo, nomeio administrador interino do concelho de Ilhavo, o cidadão **João Augusto de Mendonça Barreto** o qual se apresentará a tomar posse depois de devidamente ajuramentado.

Dado e passado no Govêrno Civil do distrito de Aveiro em **4 de julho de 1910.**

(a) *Henrique Vaz de Andrade Basto Ferreira* (2)

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Tenho muito interesse em saber, com verdade, que espécie de pessoa é o sr. João Augusto Mendonça Barreto, empregado do govêrno civil déssa cidade e hoje, em comissão, admininistrador do concelho de Cabeceiras. A minha solicitação referéce só á *questão politica.* O homem é um republicano historico ou, como julgo, um *adesivo*, tendo exercido até, noutros tempos, o cargo de administrador da *radiosa?*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

(Duma carta escrita por um considerado republicano do norte a outro désta cidade, no dia 5 de julho, vespera dos acontecimentos de Cabeceiras.)

Como é sabido, Mendonça Barreto ainda em Cabeceiras se juntou ao padre Domingos, inimigo figadal da Republica.

Era a sua sina. Muito republicano, muito revolucionário, mas contemporisando sempre com tudo e todos.

*Saiba morrer o que viver não soube*

disse o poéta. E com efeito, Mendonça Barreto soube morrer, expondo-se ás bálas dos *amigos* da vespera, só, completamente desacompanhádo, como que chamando a si toda a responsabilidade, em ultima instancia, do crime que a sua falta de critério deixou preparar.

Mereceu que o glorificassemos? Mereceu. Pela sua coragem e pela morte afrontosa que teve. Mas... mais nada.

(1) Leopoldo Machado foi em Aveiro um dos primeiros, se não o primeiro governador civil franquista tendo-lhe Mendonça Barreto, que era empregado da administração do concelho, sido indicádo para o logar de confiança do govêrno, pelo seu intimo amigo, o celebre advogado Jaime Duarte Silva.

(2) Vaz Ferreira serviu aqui como governador civil, pela segunda vez, no ultimo govêrno monarquico presidido por Teixeira de Souza. Tambem por indicação de pessoa afecta á politica de então escolheu o **republicano revolucionario e livre pensador** Mendonça Barreto, de preferencia a correligionarios, para identico logar ao anterior, no concelho de Ilhavo.

## PRAIAS DO LITORAL

## Costa Nova, 3

Despediu-se o setembro e com êle grande numero de banhistas que, embora sacudidos pelo temporal dos ultimos dias, hão-de bemdizer do tempo aqui passado em fraternal convivio, das diversões, dos momentos de palestra no *restaurant* da D. Antoninha e do *Club* e ainda os grandes atrativos désta praia, sem duvida aquéla que melhores condições oferece aos que, sem a preocupação do luxo e das grandêsas ficticias, só desejam descançar e entreter o espirito, completamente á vontade, sem as peias do convencionalismo social que a Costa Nova não consente nem nunca consentirá pelo menos emquanto a ria fôr ria e os seus *habitués*, incluindo o bélo sexo, tivérem por éla, que tão languida lhes beija os pés nús, brancos de jaspe, aquéla adoração, que já José Estevam, um dos seus maiores admiradores, dizia *não ser possivel conter dentro do peito sem uma exclamação pelas suas belêsas e encantos naturaes.*

E' que a Costa Nova não precisa, realmente, que a aformoseiem mais; basta que haja quem olhe pela sua limpêsa, quem trate de a iluminar nas noites escuras e regularise algumas das suas ruas de forma que o acésso aos *palheiros da lomba* e vice-versa se torne mais facil e menos massador, que está resolvido o principal assunto que á câmara de Ilhavo, a cujo concelho a Cos'a pertence, déve preocupar, mórmente depois de ter visto, como viu este ano, o numero consideravel de familias que para aqui viéram atraidas pela fama, que a Costa Nova já lá fóra tem, de praia modésta e economica, mas divertida e alegre como poucas, e como poucas tambem cheia de atrativos capazes de fazerem invéja ás praias de maior nomeada em Portugal.

Que a edelidade ilhavense atente nas nossas palavras e para o ano se léve em brio olhando melhor pelas necessidades da praia tão prediléta dos aveirenses e tantos outros amigos seus, são os nossos ardentes desejos.

= A tradicional festa da Senhora da Saude, a que milhares de forasteiros costumam acorrer, foi, no domingo e segunda-feira, prejudicada pelo mau tempo que por completo a transtornou, tal a inverneira que nesses dois dias açoitou a Costa. Quer dizer: se não fossem as festas que na semana anterior promoveu a comissão de banhistas a que aqui nos referimos, evidente se torna que não teriamos o ensejo de vêr tão povoada esta praia, ao menos uma vez, como a vimos no dia da regata e nos que lhe sucederam, devido á iniciativa da patriotica comissão, que tinha por principal entusiasta o *bom vivant* Joaquim Paulo e o não menos amante do *movimento*, dr. Simão José, cuja ausencia aproveitámos o ensejo de deplorar desde já, que é serviço que fica feito, por causa dos esquecimentos e de alguma rectificação a fazer, como esta de apear o dr. Manuel Alegre do pedestal onde o tinhamos colocado como vencedor duma das corridas de bateiras, no dia 22, quando quem lá deve estar é o nosso amigo Antonio Felizardo que, como timoneiro da *Transatlantico*, se distinguiu por forma a bem merecer da classificação do juri e do premio recebido como *cavalheiro de alto prestigio e amigo do seu amigo* . . .

Por esquecimento deixámos de registar tambem na cronica passada um feito heroico levado a cabo or meia duzia, se tanto, de arrojados rapazes, e que consistiu na travessia, pelo mar, desde a Vagueira até aqui, do barco—*Bai de roda libre*—em que serviu de arraes o *endemoinhado* Joaquim Paulo, que, por a sua coragem, se revelou um *velho lobo do mar*, sem desdouro, é claro, para outros *lobos* que por aí hajam...

Foi tal a sensação produzida por este acto de valentia praticado por estes autenticos descendentes de Vasco da Gama, cuja pericia nautica excedeu tudo quanto se julgue da arriscada viagem entre as duas Costas, que a muitos sugeriu a ideia duma representação á câmara para que fôsse dado o nome duma rua ou largo aos insignes continuadores das antigas descobertas do novo mundo... Fôram uns herões! E Joaquim Paulo compartilha déssa gloria porque está provado ter sido um comandante á altura, se bem que a José Guerra se déva igualmente parte do bom exito do passeio atravez o oceano.

Só a *arribáda*, dizem os entendidos, valeu um poema!...

= Nos *placards* do estabelecimento da sr.ª Antoninha, foram afixadas, ha dias, as contas dos festejos do mez ultimo, que acúsavam um saldo a favor de 19$045 reis.

A comissão, reunida, deliberou, por unanimidades, que esta importancia fosse entregue, por intermedio do jornal *O Mundo*, ao Directorio do Partido Republicano para a compra de aeroplanos e nésta conformidade lhe será dado o devido destino pelo tesoureiro, que se comprometeu a entregal-a em Lisboa no proximo sabado, aniversario da proclamação da Republica.

Sabemos que os promotores das festas se acham penhoradissimos para com os srs. Jeremias Vicente Ferreira, João da Cruz e Luiz da Naia e Silva pelo desinteresse com que os atendeu pondo á disposição tudo quanto fosse necessário das suas *companhas*.

= Desde terça-feira que tem sido extraordinario o exodo de banhistas.

Além dos *cavalheiros de alto prestigio* a que atraz nos referimos, Joaquim Paulo e dr. Simão José, abaláram durante estes dias da praia o dr. Manuel Alegre, dr. Eugenio Ribeiro, Beja da Silva, Joaquim do Carmo Ferreira, Francisco da Encarnação, Domingos Cerqueira, José Vaz, dr. Eugenio Couceiro, dr. Joaquim Silveira, Inacio Marques da Cunha, dr. Eduardo Moura, João de Oliveira Frade, Antonio Felizardo, José Nunes Cordeiro, dr. Ferreira Viegas, José de Pinho, Henrique Rato, Francisco Victor, isto além dum numeroso grupo de alegres tricaninhas, terrivel flagelo do pobre entregador do correio, que deve ser o unico a bemdizer a hora em que as viu partir.

E' que élas, os *infernos*, não o deixavam á procura das cartas do *derriço* ou do simples bilhete postal ilustrado, para matar saudades quando não para se revêrem e deleitarem com a lembrança de que não foram esquecidas...

Que transformação esta por que a Costa agora passou! E o correio cheio de contentamento por se ver livre délas!...Já lá viram, o *encolhido*?!...

**Gualdino**

## Carta de longe

**Manáus, 11 de setembro**

Lanço mão da penna para lhe transmitir a satisfação que me causou a derrota dos conspiradores contra á Patria, que acabo de lêr na *Mala da Europa*. A colonia portuguêsa, aqui residente, ficou radiante de alegria e contentamento ao saber de tal noticia.

Mais uma vez as forças republicanas mostraram ser fieis á sua propria Patria, á Republica. Julgavam os *paivantes* que os verdadeiros republicanos já tinham desaparecido em Portugal. Enganaram-se completamente porquê o povo português ainda não se esqueceu, nem se ha-de esquecer de que foi a monarquia, com todos os seus erros, esbanjamentos e má administração, que o levou á extrema miseria em que se debate.

O povo português apoia e hade apoiar o govêrno da Republica, porque só êle poderá levantar e restabelecer Portugal da intoxicação de que vinha sofrendo ha longos anos. Agora o que eu digo do fundo da minha alma e reconheço, é que a nação visinha está abusando demasiadamente da nossa fraquêsa consentindo, o que não deve fazer, que lá se acoite esse bando de degenerados que fôram os principaes causadores da nossa ruina. Deixar refugiar em seu territorio traidores á Patria, renegados da raça Latina, não acho justo nem admissivel. Não póde ser.

Portugal é pequeno, como se sabe, mas ainda tem homens competentissimos para o governar bem sem ser preciso que outros intervenham e dominem. Lembrarmonos que fômos governados por hespanhoes durante sessenta anos é mágua que nunca me ha-de deixar porque nas veias me corre o sangue portuguêz. Sômos hoje um povo independente, necessario se torna que o continuemos a ser. Para isso basta que cada cidadão se compenétre dos seus deveres e trabalhe pelo engrandecimento da Patria com tanto ou mais patriotismo do que aquêle que animou os nossos antepassados nas conquistas de que a historia nos fala.

Viva a Republica Portuguêsa!

Viva o exercito português!

Viva a marinha de guerra portuguêsa!

Abaixo os *paivantes!*

*Henrique de Almeida Marques*

## Necrologia

Na sua casa de Esgueira deixou de existir na segunda-feira a sr.ª D. Rita Casimiro Feio, veneranda mãe dos nossos amigos srs. Elisio Filinto Feio e Bento Casimiro Feio, este ultimo ausente na Africa Oriental.

Sentindo o desgosto porque acabem de passar, de aqui os acompanhâmos, bem como á restante familia, no seu justo sentimento.

=Em Viana do Castélo e quando conversava com alguns amigos, faleceu repentinamente, no dia 29 de setembro, o sr. Joaquim José da Silva Monteiro, general da 3.ª divisão militar.

S. ex.ª era muito conhecido nésta cidade onde adquiriu simpatías durante o tempo em que esteve á frente da sua guarnição militar, sendo por isso a sua morte geralmente deplorada.

## Bandas militares

O sr. ministro da guerra deixou para outra ocasião a reforma pela qual se dizia serem extintas a maior parte das musicas regimentaes.

Já não serão precisas economias?

## Nova moeda

Entra ámanhã em circulação em todo o continente, a moeda da Republica, que desde ha tempo vinha sendo reclamada pela imprensa.

**Descança hoje o sr. Pereira da Cruz, cuja biografia moral, que ainda não está completa, este semanário continuará no proximo numero.**

**Para então desde já anunciâmos um novo documento, que nêle vai ser insérto, documento que é outra prova de que o miliciano Manuel Pereira da Cruz não é de agora, mas de ha muito, que vem negociando por 50$000 reis a insenção de mancebos do serviço militar.**

**Leiam o proximo n.º de O DEMOCRATA! E depois disso continuem a considerar essa repelente creatura, que é a vergonha da classe medica.**

## Milho

Chegou a esta cidade a primeira remessa de 50:000 kilos de milho exotico que foi exposto á venda nos armazens da Viuva Geronimo Coelho & Filhos, ao preço de 680 reis cada medida de 20 litros.

A Comissão Administrativa Municipal interessa-se ainda por que venha a quantidade necessária para fornecer os povos de todo o concelho, pelo que só temos que a louvar.

# DOCUMENTOS

**Mario Monteiro**
advogado
Rua de S. Julião, 91, 2.º
LISBOA

(Logar do sêlo de 100 reis)

*Ao muito ilustre Presidente da Republica Portuguêsa*

*Fortunato Mario Monteiro de Figueiredo, canhecido no meio literario e no forense por Mario Monteiro, bacharel formado em direito e advogado em Lisboa, vem solicitar a V. Ex.ª um acto de justiça pelos motivos que passa a expôr. Sub-delegado em Pombal em 1907, foi exonerado por Teixeira de Abreu pelo facto de ter atacado publicamente a ditadura franquista saltando em Alfarélos ao comboio de João Franco; entrando na gréve de Coimbra e fornecendo a sua casa para as reuniões, que atacavam o govêrno de então, foi desterrado para a Figueira da Foz; advogado em Lisboe, nada conseguiu devido á concorrencia que aumenta pavorosamente de ano para a10; desde a manhá de 4 até á proclamação da Republica esteve combatendo na* Rotunda, *como poderá provar, sem armar em heroe; escritor com varios livros publicados e varias peças de teatro, entre as quaes se conta* o 5 de Outubro *a ir brevemente á cêna, tem feito a propaganda liberal e republicana. Nestas condições solicita qualquer cargo do Govêrno, em Lisboa, lembrando, por exemplo,* **o de conservador da Bibliotéca da Ajuda,** *que vae vagar pelo protésto da comissão paroquial local. E' de justiça e está em harmonia com as suas aptidões.*

*Lisboa, 5 de dezembro de 1910.*

**Fortunato Mario Monteiro de Figueiredo**

Este interessantissimo escrito do poéta coimbrão, Fortunato Monteiro, ou como vulgarmente se chama, Mario Monteiro, transcrevemol-o nós do nosso colléga *O Mundo* e é mais do que ilucidativo do despeito que mina o tal Fortunato por não ter sido atendido pelos altos poderes do estado o requerimento em que se arroga, para obter um churudo emprego, *heroe da Rotunda!*

E' completo.

## Comunicados

### Ao sr. inspector escolar de Anadia

Por ocasião dos exames primários que tivéram logar em julho passado, a que v. ex.ª assistiu na escola do sexo masculino, indo ultimar os trabalhos na aula do sexo feminino, o que pareceu muito mal, não se percebendo mesmo a razão por que v. ex.ª principiou os exames numa casa e foi acabar os trabalhos na outra, falou v. ex.ª na casa em questão mostrando um cérto odio por eu estar envolvido nêste justo negocio, dirigindo-me calunias que nem v. ex.ª nem ninguem é capaz de provar, mas não a foi vêr como prometeu ao sr. Santos Ferreira, para então dizer da sua justiça. V. ex.ª foi chamado a vir vêr a casa e estão passados nove mezes sem que v. ex.ª tivésse ocasião de cumprir com os seus deveres nem desgraçadamente encontrando-se na Palhaça, uma vez, durante o ano, o fez! E sabe, todavia, que a casa tem menos 10 metros do que a actual, como tem realmente, e que tem andado debaixo de agua, que é um charco, quando tudo isto é uma pura mentira, pois a casa é mais hegienica e enxuta do que a actual. Mas o sr. Amorim bastam-lhe informações e desde que élas venham de antigos amigos monarquicos está tudo muito bem. E esses antigos monarquicos certos de protecção do sr. Amorim, fizéram, desde a pretendida mudança da aula do sexo masculino, uma fraca politica, como fraco é o procedimento do sr. Amorim deante désta quessão. A casa que a comissão municipal administrativa arrendou para servir de escola do sexo masculino foi já no tempo da monarquia vistoriada e aprovada, dizem-me, que por cinco professores que aí viéram chamados não sei por quem, naturalmente em ocasião em que v. ex.ª foi devéras apertado pelo cumprimento dos seus deveres, pois que a mudança da aula do sexo masculino impõe-se como medida justa e aproveitavel para as creanças, e por isso tem sido ventilada por diferentes vezes e varios individuos, sem que se tenha conseguido essa mudança, devido certamente a empenhocas que tem dominado e ainda dominam o sr. inspector escolar de Anadia.

Um argumento dos empenhados pela conservação da aula no largo da feira, em cujo numero se conta o sr. Amorim, é o cemiterio que fica a cêrca de cem metros da casa! Isto só serve de argumento, porque de resto nada tem os mortos com os vivos. Mas o mais bonito que é ao mesmo tempo escandaloso, é a casa não servir para a aula do sexo masculino por estar mal situada e servir para a do sexo feminino, cuja mudança se pretende levar a efeito, para arranjos que hei-de publicar nêste jornal, a seu tempo.

Eu devia deixar cair o sr. Amorim néssa esparréla e depois conversar sobre o assunto com v. ex.ª Mas não quero. Quero libertal-o do laço que lhe tem preparado os seus amigos protegidos. São as taes empenhocas que arrastam os homens para o campo criminoso onde têm que responder pelas más acções que praticaram no exercicio das suas funções. E nêste caso que se torna bastante melíndroso para a situação e conservação de v. ex.ª, ha ainda muito que discutir. Porque v. ex.ª, não ignorando o motivo que leva alguem á presença de v. ex.ª a pedir agora a mudança da aula do sexo feminino para a casa que a comissão escolheu para a aula do sexo masculino e esta mudal-a para a actual casa da aula do sexo feminino, é um jogo que, tornado conhecido, dá que falar.

Depois de o relatar tal qual o projectam os seus autores, os inconvenientes que poderão vir sobre o professor Calado são unica e simplesmente da responsabilidade do sr. inspector escolar de Anadia, que, sabendo tudo o que se passa cá nas casas de instrucção, não quer vêr a verdade só porque tem a mudança da aula do sexo masculino como questão politica. E sendo assim é preciso mostrar o valor que dentro do país ainda tem os monarquicos.

Que máu caminho esse por onde caminha o sr. inspector escolar de Anadía!

Palhaça, 29—9—1912.

*Manuel de Mélo.*

## Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

| OUTUBRO | |
|---|---|
| DIAS | PHARMACIAS |
| 6 | AVEIRENSE |
| 13 | REIS |
| 20 | MOURA |
| 27 | LUZ |



## CONGO BELGA

**Aos nossos honrados assinantes désta parte da Africa, rogâmos o favor de satisfazerem os recibos do DEMOCRATA ao sr. Henrique Madail, empregado da casa "Valle, Figueiredo & C.ª", que dêles se acha depositario e obsequiosamente se encarregou da missão de os cobrar, como bom cooperador, que é, do nosso semanário.**

## CORRESPONDENCIAS

**Guimarães, 2**

*O pasquim reacionario do «Cara de estopa».*

Volta á carga o *pasquim* da rua Gil Vicente, désta vez vestindo as pantalônas do famigerado *cara de estopa*.

Atira novamente sobre a Republica e os seus homens mais em evidencia, quanta porcaria lhe enche o estomago, em artigo de *fundilhos*, á laia de garôto de rua do que esguicha e vai-se embora radiante de contentamento pela proeza que lhe fez abrir as cocas.

Ora ouçam os leitores como êle, o tal *fedêlho*, bacoreja:

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Dois anos de Republica são passados e o povo português, muito longe de adquirir o socêgo e a tranquilidade que sobrevém ás grandes agitações, continúa mergulhado no mesmo marasmo em que o deixaram as leis a ésmo, sem pêso nem medida, sem estudo nem ponderação, que um primeiro govêrno do atual regimen de liberdade, de páz e de trabalho, promulgou com visiveis e confessados intentos de derruir, com uma só penada, crenças e tradições que teem as fortissimas raizes que oito seculos vieram avigorando desde a primeiro geração portuguêsa até á atual.*

Sim senhor, deve assim ser. O tal socêgo e a tranquilidade foi roubado ao povo pelos seus colégas embatinados e por outros miseraveis que o arrebanharam para restaurar um regimen que a Republica quiz acatar e cuja recordação com nojo nos sobe ao cérebro; e as tais leis, *sem pêso nem medida*, como diz êle, muito pêso tiveram da acção benéfica e economica e foram até de grande e salutar elasticidade, pois que se estenderam aos logarejos mais reconditos saneando e suprimindo gamélas á matulagem ridicula que, de estomago vasio, barafustam e pretendem conspurcar a aurora brilhante que raiou em 5 de outubro, tornando o povo português honrado.

Noutro ponto do mesmo de *fundilhos*, grunhe:

«Basta, senhores!

Cessem as perseguições e as represálias.

Justiça! Faça-se justiça!

Fechem-se os tribunais militares e abram-se as portas das cadeias e das penitenciarias para os presioneiros.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Pedir as mais sevéras penas para esses revolucionarios, é a maior das incoerencias, é ainda mais: a maior das desumanidades se atendermos a que os revolucionarios de 31 de janeiro não as sofreram, etc, etc.»*

O grande mariolão esquece que os revolucionarios de 31 de janeiro foram julgados barbaramente pelos tribunais marciais de Leixões e condenados cruelmente a degredo, por largos anos, nas inhospitas plagas africanas.

E para êles não tivéram uma nota de dôr ou um timbre de compaixão!

E' que os chamados *gestos nobilitantes* ainda não tinham sido inventados, nem mesmo quando Pombal exilou os *meninos da Palhavã* e os bispos de Bragança, de Pinhel, o arcebispo de Braga e D. Carlos da Cunha, patriarca de Lisboa.

Porcos, pobres e cêgos, coitados.

*Gaiato.*

✠

**Anadia, 1**

Espera-se que sejam este ano grandiosos os festejos nêste concelho celebrando o historico dia da implantação da Republica, porque se acha nomeada pela câmara uma comissão composta de varios elementos para levarem a efeito o programa dos mesmos festejos. Para isto já a comissão agregou varios individuos e começou a trabalhar afincadamente no sentido de ampliar e pôr em pratica, com o melhor exito, os numeros do programa das festas.

A câmara oficiou tambem aos presidentes das juntas de paroquia a fim de se entenderem com os professores e festejarem com os alunos o memoravel dia, fazendo os professores segura explicação sobre a importancia das festas e vantagem do regimen.

=Encontra-se desde ontem nésta vila o director dos correios e telegrafos dêste distrito, a fim de averiguar sobre a queixa de alguem que, em carta ao *Mundo*, censurou os serviços dos correios nêste concelho.

Ainda continua nas suas averiguações, visto que ainda não chegou ao ponto principal do caso, que consiste em saber quem é o signatario da queixa ao diário lisbonense, para vir explicar as razões que teve para a sua queixa, a fim de se poder avaliar da justiça ou falta de razão que lhe assista.

C.

✠

**Cacia, 1**

A digna comissão promotôra dos festejos comemorativos do 2.º aniversario da proclamação da Republica Portuguêsa, que é composta dos nossos respeitaveis amigos, srs. Manuel Rodrigues Neta, José Rodrigues Neta, João Simões de Pinho e Francisco Tavares de Mélo, tem sido incansavel para que essa data memoravel seja festejada de molde a ficar graváda nos corações de todos aquêles que para éla tivéram a generosidade de concorrer.

Felicitâmos a briosa comissão pela sua patriotica iniciativa tanto mais que sabemos estar já contratada para as festas a musica de S. João de Loure, de que é regente o sr. João Bernardo, que aqui se apresentará com o seu riquissimo estandarte nêsse dia por tantos titulos glorioso.

=Não se realisou ontem, como noticiei, a festividade ao martir Sebastião Junior. As más informações que nos forneceram é que foi a causa désta falsa noticia. Realiza-se, porém, no proximo domingo.

=Acompanhado de sua esposa e filhinhos já se retirou para a capital o nosso respeitavel amigo sr. Manuel Domingues Nina, a fim de assistir aos inventarios das casas da nova companhia de panificação, de que é digno director.

Acompanhou-o, tambem, seu dedicado irmão e nosso amigo sr. Antonio Domingues Nina.

=Para a mesma cidade, foi egualmente ontem o intemerato republicano e ilustre filho désta terra, sr. João Ferreira, muito digno director da companhia de panificação Lisbonense.

=Vindo da Trafaria—Almada, chegou aqui, ha dias, o nosso presado amigo e correligionario sr. Antonio Rodrigues de Miranda. Não se demora muito entre nós, o

que bastante nos entristece, pois, segundo nos disse, conta retirar-se dentro de breves dias.

═ Casou-se civilmente, no ultimo sabado, a menina Angelica Ferreira, com o sr. Isac Guedes, de Angeja.

Cordealmente os felicitâmos, mas em especial ao nosso dilecto amigo sr. Antonio Simões da Ágra.

Contam retirar-se por estes dias para Lisbôa. Santo Antonio os guie, e não desempare, naquela santa cruzada...

═ Faleceu ha dias no logar da Quintã do Loureiro uma menina, filha da sr.ª Luisa Lopes, e sobrinha do nosso bom amigo sr. José Lopes da Silva.

Por tão triste acontecimento o nosso sincéro pezar.

═ Realizou-se efectivamente no dia 27 a trasladação dos restos mortaes, para jazigo de familia, de aquéla que em vida se chamou Maria de Azevedo Nina, esposa saudosa do nosso sincéro amigo sr. Antonio Domingues Nina. Foi um acto revestido de grande solenidade, acto pungente a que, respeitosamente, assistiu toda a sua extremosa familia e pessoas amigas da querida e inolvidavel extinta.

═ O tempo nêstes ultimos dias tem estado de verdadeiro inverno, tendo o nosso Vouga aumentado de volume consideravelmente de ontem para hoje. A continuar assim não tardará que os campos sejam cobertos por uma cheia, que por enquanto muito nos prejudicará.

C.

## Alquerubim, 1

Estão cobertos de agua os milhos do campo désta região. A corrente tomba, quebra e arrasta muito, que se perde. O prejuizo subirá a muitos milhares de alqueires de milho, e os pobres vêr-se-ão obrigados a pagar este cereal por um preço exorbitante. Seria bom que a ex.ma camara e administrador dêste concelho tomassem em consideração esta calamidade, com que Deus ou o Diabo acaba de nos brindar, e mandassem já vir algum milho para acudir á grande necessidade.

═ Consta que o sr. Manuel Maria Amador vae mandar vir uma grande porção de milho para vender por um preço relativamente barato aos pobres désta freguezia.

═ Continua a chover torrencialmente. A cheia no campo é medonha!

C.

**O Democrata**, vende-se na Costa Nova na *Padaria Macêdo*.

## ANUNCIOS